

JUSTIFICATIVA

Nascida 12 de julho de 1932, em São Paulo, Amélia Império Hamburger desempenhou importante papel na construção desta cidade e do Brasil.

Neta de imigrantes italianos e filha de um ourives e de uma dona de casa, desde cedo destacou-se como pessoa diferenciada.

Amélia Hamburger, assim como seu marido, também físico, Ernst Wolfgang Hamburger, sempre estiveram à frente das pesquisas na área da física nuclear. Formada em 1954 no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), fez mestrado na Universidade de Pittsburgh nos EUA (1957/1959), onde trabalhou com física nuclear experimental no antigo acelerador Van der Graaff. Fez ainda estágio avançado (1965/1967) na Universidade Carnegie Mellon, também em Pittsburgh.

Foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Física. Esta instituição teve importante atuação no debate sobre questões fundamentais da sociedade brasileira. Em 1969 a SBF foi presidida, na prática, pelo seu secretário-geral Ernst W. Hamburger, em razão das prisões e aposentadorias impostas aos cientistas pelo golpe militar.

Amélia e seu marido também foram presos pelo regime militar, que calou o povo brasileiro e sufocou a pesquisa científica. A ditadura militar instaurada em 1964 cerceou a liberdade de trabalho e pesquisa, causando graves danos ao desenvolvimento do país. Além de perseguir e aniquilar seus opositores, procurou destruir qualquer movimento de democratização do saber.

Essa interferência ideológica nos institutos de pesquisa trouxe conseqüências que se mantêm até os dias atuais. Não é à toa que se coloca na ordem do dia a necessidade de se definir um Planejamento Estratégico de Desenvolvimento para o país, onde esteja contemplado o progresso da ciência, da tecnologia e da inovação, com forte investimento público e regulação do Estado buscando explorar soberanamente nossas riquezas.

Diante da prisão de Amélia e seu marido, cientistas no Brasil e no mundo fizeram intenso movimento de repúdio, o que deve ter contribuído para que saíssem da prisão política. Foram processados pelo regime militar o que durante vários anos limitou sua liberdade de ir e vir.

Apesar da prisão e da tentativa de controle ideológico das Universidades, do clima de terror e atos de violência, da tortura e prisões arbitrárias, Amélia manteve seus ideais progressistas. Foi diretora da ADUSP – Associação dos Docentes da USP e, mais recentemente, membro do Conselho da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Participou de diversos Conselhos e Comissões da Universidade.

Foi professora da USP por mais de 40 anos, escreveu inúmeros artigos e orientou muitas dissertações, combinando rigor conceitual de física com ampla visão da ciência, sua história e filosofia.

Amélia Hamburger pesquisou e rompeu os limites da física, sempre defendendo a pesquisa básica e o progresso da ciência. Como pesquisadora atuante decidiu trabalhar na preservação da memória científica, organizando arquivos históricos do Instituto de Física da USP.

Organizou ainda dois livros sobre a história da Fundação de Amparo à Pesquisa de SP - Fapesp (*FAPESP 40 anos – Abrindo Fronteiras* e *FAPESP, uma história de política científica e tecnológica*, este último com Shozo Motoyama e Marida Nagamini).

Além disso publicou dois livros - *A ciência e as relações Brasil-França 1850-1950* e em 2010 venceu o Prêmio Jabuti com um livro sobre seu professor Mario Schenberg (*Obra Científica de Mario Schenberg vol. 1*).

Amélia desempenhou importante papel no campo das idéias, contagiando seus alunos e os que com ela conviveram com ideais libertários e igualitários. Seus ideais ainda deixaram marcas na educação de seus filhos. Todos eles têm trabalhos relacionados à arte - Cao, diretor do filme "O ano em que meus pais saíram de férias"; Esther, professora da ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP; Sonia, produtora de cinema; Vera, arquiteta e cenógrafa e Fernando, fotógrafo.

Faleceu, aos 78 anos, em 01/04/2011.

Significativa foi a vida desta mulher, que muito contribuiu para o debate de idéias e para o desenvolvimento da ciência, sendo merecedora desta humilde homenagem a ser concedida por esta Casa com a outorga da Medalha Anchieta e diploma de gratidão, mesmo após sua morte.